

Artista plástico Urbano Resendes

# “Não sinto que sendo açoriano seja menosprezado. Antes pelo contrário”

Até hoje, Sábado, na Galeria Fonseca Macedo está patente a exposição “Tempus edax rerum”, onde o artista plástico explora a decadência de um ramo de flores, a acção do tempo sobre as flores, mas que pode ser transportado para outras coisas. O sentido do efémero sempre foi a base do trabalho de Urbano, que apesar de viver entre Lisboa e os Açores reconhece que é “muito acarinhado” pelo público.

**Tem até hoje patente na Galeria Fonseca Macedo a exposição “Tempus edax rerum”. Além da inauguração, realiza sempre algumas visitas guiadas. É importante este contacto?**

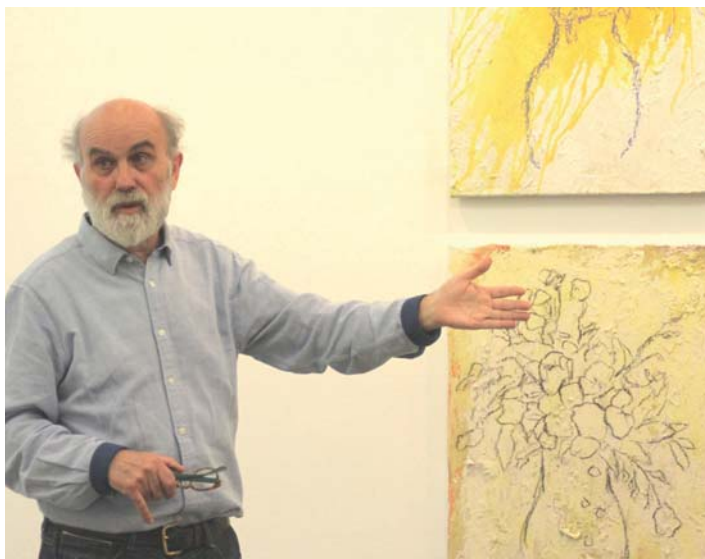
É relativamente frequente acontecerem visitas guiadas. Já fiz visitas guiadas com alunos da Escola Secundária Antero de Quental, da Escola Secundária Domingos Rebelo, com crianças com menos de 10 anos, neste caso vinham preparados com papel e estiveram cerca de uma hora a desenhar a partir das obras que lhes interessavam mais. De um modo geral para além da inauguração, em que estou presente, dispomos sempre de outros momentos para estar com o público e poder assim partilhar de uma forma mais detalhada, não só as obras expostas mas viajar um pouco por outros trabalhos meus e não só. É um pretexto para se falar dos trabalhos que estão presentes e de outros que fiz e que de uma forma ou de outra se relacionam sempre, assim o diálogo vai muito para além da exposição por vezes mesmo da própria arte.

**Acaba por ser uma forma mais intimista de conhecer o próprio artista...**

De conhecer o artista, do artista conhecer as pessoas e é um pretexto par um agradável convívio. Porque expor é expormo-nos e estando o artista presente, essa exposição pode ser mais profunda porque na pintura mostramos e escondemos ao mesmo tempo. Na pintura há uma gramática e tudo é de certo modo codificado, são metáforas constantes. O convívio/diálogo permite conhecer um pouco melhor quem está por detrás das obras. A inspiração para este trabalho... Há sempre uma ideia base que leva a que se comece um determinado trabalho. Neste caso é um episódio que tem mais de vinte anos.

**Qual é a ideia e que episódio foi esse?**

Todas estas obras partem de uma natureza morta. Um arranjo de flores em que fui observando a sua decadência ao longo do tempo. Quando são apanhadas as flores estão viçosas, os botões das rosas aos poucos vão abrindo, e em simultâneo as outras flores e mesmo estas vão murchando até todas acabarem por não resistir passagem e à erosão do tempo. Mas em boa verdade é assim com tudo. O sentido do efémero é de certa forma uma das bases do meu trabalho. Sempre foi. No que respeita a esta exposição, o episódio foi este: em 1995, quando vivi em Londres, numa entrevista dada à BBC, Francis Bacon questionado sobre o porquê da violência visual das suas obras, respondeu: é uma questão de tema. Imagine uma rosa, hoje está fresca e perfumada, mas amanhã está morta. Esta frase ficou-me gravada nesse momento e nunca mais me abandonou. Agora surge com este título. No fundo o que está em causa é a passagem do tempo e a sua acção sobre as coisas. Neste caso estas flores. Mas como sempre a ideia é sobretudo o impulso para desenvolver e explorar o que mais



Urbano Resendes vive entre Lisboa e os Açores e diz que a cada exposição acontece com um sentido de “filho pródigo”

me interessa, a matéria e as suas infinitas possibilidades, por isso as obras que no princípio são detalhadas à medida que vou progredindo vou depurando e é sobretudo nessa depuração que me detenho mais demoradamente, no final o que se vê é em primeiro lugar a imagem que é constituída apenas por uma leve linha a pastel ou a carvão. Nesta exposição há ainda outro detalhe a ter em conta. As flores que usei como modelos. Todas do nosso jardim e em particular as rosas são de uma roseira antiga que tem memórias também antigas e muito particulares, associadas a vivências anteriores às dos meus primeiros dias em que a memória me permita recuar. No fundo, pode servir para nos lembrarmos que todos temos um passado, uma história, muito longa e dessa história fazem parte tantas, tantas coisas, algumas pequenas ou talvez não. No meu caso esta roseira é uma delas.

**Nas visitas guiadas acompanha vários públicos. Qual gosta mais de guiar?**

Diria mesmo que gosto de todos porque cada um é cada um e é sempre interessante, é sempre uma partilha. Nos mais novos é curioso vê-los a desenhar desenvolvendo as suas obras a partir do que vêm e muitas vezes surpreendendo pela criatividade. Nesta visita de hoje, da Associação Sénior, são pessoas todas adultas e cada uma com a sua identidade, também no que respeita aos conhecimentos e hábitos relacionados com pintura e exposições, por isso procuro usar uma linguagem acessível a todos. No fundo é a minha linguagem, e tentarei fazer passar a mensagem no sentido do fazer entender que o que aqui está exposto é simultaneamente muito simples

e houve e há galerias há muito tempo embora por vezes com alguns iatos. Nos anos mais recentes, desde 1985, e sem interrupção, há galerias. Primeiro a Arco 8, depois a partir de 2000 a Fonseca Macedo e outras que entretanto fecharam e outras ainda que abriram e se mantêm abertas. Apenas refiro a Arco 8 e a Fonseca Macedo porque trabalhei com as duas, todas as outras merecem da minha a parte o mesmo respeito e só não refiro o nome de nenhuma porque tenho certeza que me esqueceria de alguma e não seria correcto nem justo. Aproveito para deixar uma palavra de apreço a todas pois as galerias são os espaços privilegiados para se chegar ao público. As minhas três primeiras exposições foram no Museu Carlos Machado em 1983/4/5 e nesse último ano em que o Museu fechou as portas à iniciativa externa. Abriu a Galeria Arco 8 permitindo-me assim continuar a mostrar o meu trabalho.

**Sempre se sentiu acarinhado cá, apesar de não viver actualmente nos Açores?**

Em primeiro lugar será acertado referir que não vivo sempre cá mas estou entre cá e lá. Sempre mantive atelier cá e todo o trabalho agora expostos foi feito nele. Respondendo à sua pergunta. Sempre que exponho cá, sou muito acarinhado. Há muito tempo que estou a viver entre o continente e os Açores e sempre que venho fazer uma exposição, recebem-me de uma forma muito carinhosa. Há os amigos antigos que conheço há muitos anos e que voltam, e há sempre outros novos que nos conhecemos pela primeira vez. É muito interessante e penso que se deve em parte ao facto de estar ausente torna-me num certo sentido em filho pródigo que quando aparece é sempre bem vindo e por isso muito acarinhado. Sempre que exponho cá não sinto que, sendo açoriano, seja menosprezado. Antes pelo contrário.

Carla Dias



Fátima Mota, Urbano Resendes e Leonor Anahoy, para o início da visita guiada